

A CASA onde mora o lar

A artesã talhava um caramujo em cedro, conhecido também como cedro cheiroso ou cedro verdadeiro, pela voz do povo. Quais verdades guarda essa madeira que faz deslizar ao simples toque; que espalha no ar um perfume semelhante ao do creme de baunilha que recheia o bolo recém assado, uma doçura sem açúcar que só alguns narizes conseguem distinguir? Quando pequena, ela seguia o mesmo caminho dos antepassados, como o rio que corre, aprendendo a lavrar a terra com os pais. Não existia escolha, só a busca pela sobrevivência. Os dias pareciam ser todos iguais. Chuva, sol e solo fértil é o que pediam. Nada de mais, ou de menos.

Ao contrário deles, ela observava. Encantava-se com a disciplina militar das formigas desfilando em fila. Surpreendia-se com as gotículas de orvalho que, dependendo de onde pousassem, flores ou plantas, explodiam em várias cores. Sentia-se como o gigante de “João e o pé de feijão”, uma das poucas histórias que conhecia, quando via sua sombra aumentada pelo reflexo dos primeiros raios solares. Passou a distinguir o piado das aves, conforme as estações do ano. Sabia ser verão quando chegavam em voo baixo os cardeais-de-topete-vermelho. Quando ouvia as marteladas nas árvores reconhecia os pica-paus-reis, anunciando o inverno. Acostumou-se a imitar o beija-flor-de-topete, o sabiá-coleira, a maria-preta-de-bico-azulado, assobiando e passarinhando por entre as araucárias. Crescia sob o encantamento da natureza.

Um dia, encontrou um canivete velho pelo caminho e passou a brincar com pedaços de galhos caídos pela ira dos ventos. Buracos desenharam os olhos; traços que pareciam sorrir imitaram a boca e um boné velho sobre o que chamou de cabeça trouxe para a mata o “Zé das aves”.

Não parou mais. De tanto talhar seu talento foi se aperfeiçoando. Vieram os esquilos, macacos, árvores, cavalos, pássaros, e tudo

aquilo que as suas mãos criavam. Até que a moça não quis mais cavar a terra, só encontrava graça em transformar a madeira. Entendeu que não gostaria que os seus dias fossem tristes como o piado de um sabiá.

Conheceu um rapaz na vizinhança com quem começou a trocar olhares. Tímidos, demoraram a trocar palavras. Meses se passaram até que ele tomou coragem e bateu à porta da casa. Café coado com broa de milho colhido na roça, acompanharam o namoro. Os pais gostavam dele e estavam felizes pensando em outra força que se juntaria às deles para o aumento do sustento. Mas os jovens queriam ir além da mata. Deixaram por lá o fim da adolescência com a tristeza dos genitores.

Na modesta casa, onde mal cabiam ela e ele, sobre uma pequena mesa e com poucas ferramentas ela dava vida a miniaturas que representavam a fauna e flora que tão bem conhecia. Com a mala cheia delas, ele ia a lugares distantes, até onde seus pés podiam alcançar, para oferecer o trabalho dela. Por onde passava o ambulante conhecia a comunidade local, contava histórias aprendidas em ouros cantos, criava laços, e vendia. Na volta, desbravava a mata a procura de tocos de madeira. A arte dela e o apoio dele abasteciam o lar, o lar da casa.

De boca em boca atraindo locais e turistas, ela passou a expor na praça da cidade. Todos os dias, da casa ao centro a pé, o caminho era longo, mas a perseverança encurtava a estrada.

Um dia, chegou de surpresa um gringo com olhos cor de azul intenso, como céu de inverno, e a fala enrolada. Examinou tudo o que estava exposto, gostou, e com o auxílio de uma amiga que falava a língua dela, encomendou um caracol, sem dar detalhe algum. Como nunca tinha feito nada parecido, ela pensou e pesquisou bastante antes de desenhar. Definiu como seria e começou a lixar, polir, riscar, cortar, serrar, pregar e moldar. O molusco foi esculpido em duas partes. Uma abrigava a outra, mas podiam ser separadas por movimentos de encaixe e

desencaixe. Satisfeito com o resultado, o cliente viu nele a essência da dualidade. União e autonomia, traduziu a amiga. Assim partiu o caramujo que atravessaria mares sobre os quais, talvez, a moça jamais navegaria. Também não conhecia qual seria o destino estrangeiro do caracol. Embora o soubesse longe, desejava que ele abrisse as portas da casa e lá fizesse morada, onde parte dela caberia.

Angelina Ianelli